

O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL NA ADOLESCÊNCIA: UMA CONTRIBUIÇÃO WINNICOTTIANA ¹

Clara Espíndola Neves²

Bruno Quintino de Oliveira³

RESUMO:

O presente trabalho consiste em uma revisão narrativa de literatura com o objetivo de investigar o processo de desenvolvimento emocional na adolescência à luz das contribuições de Donald Winnicott. Partindo da compreensão de que o conceito atual de adolescência se modificou ao longo da história, o artigo analisa o contexto histórico da adolescência no escopo da psicanálise. Nesse sentido, mapeou o conceito freudiano de puberdade, explorando sua conexão com os conceitos atuais que definem a adolescência, dando um maior enfoque nas teorias winnicottianas. Foram abordadas as principais conceituações de Donald Winnicott, como *holding*, ambiente suficientemente bom, relações objetais e estágios da dependência, demonstrando como elas constituem a base para um desenvolvimento emocional saudável, tanto na infância quanto na adolescência. Debates, ainda, sobre a adolescência, na perspectiva winnicottiana, é compreendida como um período crucial para a formação de um self coeso e integrado. Por fim, destacou-se a importância de respeitar as particularidades do desenvolvimento emocional nesta etapa. Este estudo visa, portanto, oferecer uma compreensão mais profunda da adolescência e de seus desafios, contribuindo para a prática clínica, especialmente no que diz respeito ao acompanhamento do amadurecimento emocional dos adolescentes.

Palavras-chave: Adolescência. Winnicott. Desenvolvimento emocional. Ambiente suficientemente bom.

THE EMOTIONAL DEVELOPMENT PROCESS IN ADOLESCENCE: A WINNICOTTIAN CONTRIBUTION

ABSTRACT

The present work consists of a narrative literature review aimed at investigating the emotional development process during adolescence in light of Donald Winnicott's contributions. Starting from the understanding that the current concept of adolescence has changed throughout history, the historical context of adolescence within the scope of psychoanalysis was analyzed. In this sense, Freud's concept of puberty was mapped, exploring its connection with current concepts that define adolescence, with greater emphasis placed on Winnicottian theories. Key concepts by Donald Winnicott,

¹ Artigo de trabalho de conclusão de curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia, na Linha de Pesquisa em práticas clínicas. Recebido em 23/10/2024 e aprovado, após reformulações, em dd/mm/aa.

² Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: claraespindolaneves@gmail.com

³ Mestre em Psicologia clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC- Rio) e docente do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: brunooliveira@uniacademia.edu.br

such as holding, the good-enough environment, object relations, and stages of dependence, were discussed, demonstrating how they form the foundation for healthy emotional development, both in childhood and adolescence. Additionally, the Winnicottian perspective on adolescence was examined, viewing it as a crucial period for the formation of a cohesive and integrated self. The importance of respecting the particularities of emotional development during this stage was highlighted. Therefore, this study aims to provide a deeper understanding of adolescence and its challenges, contributing to clinical practice, particularly concerning the emotional maturation process of adolescents.

Keywords: Adolescence. Winnicott. Emotional development. Good-enough environment

1 INTRODUÇÃO

A adolescência é um período da vida marcado por intensas transformações em vários âmbitos. Segundo Marcelli e Braconnier (2007), ao pensar a adolescência dentro do escopo da psicanálise, é necessário levar em consideração aspectos como modificações pulsionais, o corpo, o luto, a depressão, os meios de defesa, o narcisismo e o ideal do eu. Donald Woods Winnicott, o primeiro pediatra a se tornar também psicanalista, em sua teoria costurada sobretudo por sua vasta experiência clínica, enfatizou o desenvolvimento maturacional do bebê e da criança. Suas obras também são um importante aporte teórico sobre a adolescência, destacando a importância do ambiente ao redor do sujeito e suas relações objetais, que desempenham um papel fundamental no desenvolvimento psíquico e na lida do sujeito frente ao ambiente que o circunda.

Ao analisar cuidadosamente as ideias e obras de Winnicott, espera-se obter uma visão mais abrangente e sensível sobre as questões emocionais presentes na adolescência, período marcado por transições do ser e encontros com o novo. Esse estudo é relevante diante da complexidade da temática, lançando um olhar singular e menos padronizado e universalista sobre a experiência adolescente, uma vez que as transformações biológicas, psíquicas e emocionais enfrentadas pelo indivíduo durante essa fase impactam diretamente em sua percepção e formação da identidade.

Ao adotar a teoria de Winnicott, o estudo visa aprofundar-se nessas mudanças, partindo de conceitos como amadurecimento pessoal, maturação do eu, a importância das relações interpessoais e a noção de ambiente suficientemente bom.

Assim, este trabalho busca fornecer uma compreensão mais aprofundada dos processos emocionais e pessoais da adolescência, oferecendo subsídios para a prática clínica delimitados pela teoria psicanalítica. Nesse horizonte, foi empreendida uma revisão narrativa da literatura psicanalítica, privilegiando fontes seminais de Winnicott sobre adolescência e desenvolvimento emocional, bem como autores contemporâneos do movimento psicanalítico que discutem sobre a adolescência. A pesquisa exploratória permitiu um aprofundamento em questões complexas e específicas e a revisão narrativa proporcionou uma análise interpretativa e contextualizada da literatura existente.

Para atingir o objetivo deste estudo, foi realizada uma discussão com uma breve alusão histórica à relação entre adolescência e a psicanálise tradicional freudiana e a winnicottiana, seguida de uma análise detalhada das principais conceituações de Winnicott, como *holding*, ambiente suficientemente bom, relações objetais e estágios da dependência com o ambiente. Por fim, busca-se mostrar como, a partir dessa perspectiva teórica, a adolescência é compreendida como um período crucial para a formação de um self coeso, respeitando as particularidades do desenvolvimento emocional do adolescente e como esses conceitos contribuem para a prática clínica de um analista implicado com as sutilezas que se exige ao atender um sujeito cuja travessia psíquica não se encontra nem no campo adulto, tampouco no puramente infantil.

2 ADOLESCÊNCIA E PSICANÁLISE

Adolescência é um termo que não possui definição única e que vem sendo utilizado há muito tempo. A partir de uma rápida análise histórica, é possível demarcar a utilização desde os tempos do Império Romano de uma ideia da adolescência, com o intuito de delimitar e caracterizar um período da vida dos cidadãos de acordo com as suas organizações sociais da época. Há também registros na Idade Média europeia, como um início de uma possível ruptura dos saberes relacionados à compreensão do ser humano. Por fim, é com a entrada da Idade Moderna que a conceituação da adolescência de uma forma mais fundamentada surge, onde se instaura a noção de um momento de turbulência e crise durante a vida (Matheus, 2008).

Com essa entrada na modernidade surgem ainda mais formas de compreender e analisar o conceito da adolescência. Sob uma perspectiva mais psicológica, era um período demarcado pela passagem da infância para a fase adulta, carregando assim a ideia de permanente mudança (Moraes; Weinmann, 2020). Françoise Dolto, psiquiatra e psicanalista francesa, no texto **A causa dos adolescentes** (2004,) traz questões referentes a essa transição, onde alguns colocam a idade como forma de demarcação entre tais fases e pontuam a adolescência somente como um degrau ou como “último capítulo da infância”, sugerindo este período somente como um marco temporal sem grande importância. O adolescente, segundo a psicanalista, “atravessa uma fase de mudança sobre a qual ele nada pode dizer e na qual, para os adultos, ele é objeto de questionamento, que, dependendo dos pais, é carregado de angústia ou de total indulgência” (p.14).

Com o passar do tempo, a adolescência foi ganhando espaço na sociedade para além de somente um degrau entre fases, balizado na lógica desenvolvimentista. Passou-se a dar forte importância às mudanças corporais do indivíduo e o despertar da sexualidade do ser, principalmente no contexto da psicanálise (Tomio; Facci, 2011). Frankel (2021) sinaliza que o conceito atual sobre a adolescência, entendida como um período próprio do desenvolvimento humano, é relativamente novo tendo se originado das ideias freudianas formuladas no século XX. Segundo Blos (1998), antes da introdução desse conceito como uma fase desenvolvimentista, os estudos tinham como foco a puberdade, um evento orgânico marcado, principalmente, pela maturação sexual do ser.

Como é amplamente conhecido, Sigmund Freud não elaborou uma teoria sistemática sobre a adolescência ao longo de sua extensa obra, mas trouxe relevantes contribuições sobre os impactos psíquicos decorrentes da puberdade, os quais passaram por mudanças significativas ao longo de suas reflexões (Vieira; Vorcaro, 2014). Na obra **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade** (1905), no tópico **as transformações da puberdade** o autor dissertou sobre o surgimento da puberdade de uma nova maneira, possibilitando um diálogo com o conceito atual de adolescência.

Nesse novo panorama, a sexualidade que se iniciou na infância, em um primeiro momento de forma autoerótica, encontra na puberdade um objeto sexual ao qual se liga e passa a ter um novo objetivo. Portanto, com Freud, é possível compreender que o início da sexualidade surge na infância e não na puberdade. Com isso, ele se depara

com um dilema teórico: como a criança de natureza polimorficamente perversa⁴ se transforma em um adulto com uma identidade sexual fixa e estável, onde os genitais assumem o papel predominante como fonte de prazer? A adolescência se torna um período central nesse processo, uma vez que um de seus principais objetivos no desenvolvimento é atingir essa nova meta sexual (Frankel, 2021).

Para que seja possível alcançar essa nova meta sexual, o sujeito utiliza os denominados mecanismos de prazer, que são divididos em dois: prazer preliminar e prazer final (Frankel, 2021). O prazer preliminar consiste em uma espécie de prazer que está em pé de igualdade com a pulsão sexual infantil, uma vez que o sujeito já o presenciou na infância só que de maneira mais branda, e o prazer final, que é compreendido como inédito, uma vez que ele surge juntamente com a puberdade (Freud, 1905). Frankel (2021) acrescenta que, ao explorar as complexidades dos caminhos únicos das pulsões na puberdade, torna-se evidente a relevância dos registros da sexualidade infantil. Esses traços iniciais parecem reaparecer e se repetem, incidindo novamente na adolescência e influenciando o desenvolvimento emocional desse período.

Ao longo do desenvolvimento da conceituação da adolescência na psicanálise, a questão da sexualidade se destaca. Conforme Loparic (1997), o Complexo de Édipo desempenha um papel central nesse contexto, sendo uma das principais explicações para a vida sexual. O autor ressalta que, dentro da psicanálise tradicional, a estrutura do sujeito é entendida com base nos antecedentes ou derivações desse complexo. No entanto, nem todos os psicanalistas aderiram completamente a essa visão, permitindo interpretações da adolescência que vão além de uma abordagem centrada na sexualidade edípica.

Um exemplo é a psicanálise winnicottiana, que consiste em uma abordagem que tem como foco compreender as angústias do ser humano, o porquê e como elas surgem para que seja possível manejá-las (Loparic, 1997), tendo um olhar para isso a partir da encruzilhada que o indivíduo tem com o ambiente ao seu redor, desde o nascimento. Frankel (2021) aborda a possibilidade de se compreender o adolescente

⁴ Segundo Laplanche e Pontalis (1991, p.342) “a disposição para a perversão não é algo raro e singular, mas uma parte da chamada constituição normal, o que vem a explicar e confirmar a existência de uma sexualidade infantil. Esta, na medida que está submetida ao funcionamento das pulsões parciais, estreitamente ligada as zonas erógenas, e na medida em que se desenvolve antes do estabelecimento das funções genitais propriamente ditas, pode ser descrita como ‘disposição perversa polimorfa’”.

de uma maneira mais desenvolvimentista, isto é, ter uma leitura da adolescência mais voltada para as transformações do ser e do self ⁵.

Outros pesquisadores que abordam a adolescência são a psicanalista argentina Arminda Aberastury e o psiquiatra Maurício Knobel. Embora a obra **Adolescência Normal** (1970), formulada pelos autores, tenha um forte enfoque nas questões sexuais, ela também aborda outros aspectos que merecem atenção. Eles entendem que a adolescência é marcada por uma fase de lutos relacionados à passagem da infância para a adolescência e às perdas sofridas no processo. É por meio da elaboração de tais lutos que o indivíduo se torna capaz de amadurecer e iniciar o seu processo de identificação. Diante desse caminho, os autores abordam certas características que são consideradas como pilares da adolescência, sendo uma delas a busca de si mesmo e da própria identidade. A partir do autoconhecimento, o adolescente se torna capaz de integrar questões externas com as internas, possibilitando a criação de um vínculo com a sua personalidade, que está em constante formação, juntamente com a busca por um novo sentimento de continuidade e semelhança com si mesmo.

Cardoso, Demantova e Maia (2016) afirmam que esse caminho que o ser percorre entre a infância e adolescência é marcado por uma forte violência psíquica interna, isso é, o indivíduo se vê diante de certos limites que podem acabar levando-o a perder o sentimento de continuidade de si, gerando um desequilíbrio no plano psíquico e um luto por aquilo que o ser já foi e pelo que ainda deve ser. Cervo e Zornig (2021) pontuam que o ser humano é marcado pela sensorialidade que consiste em “[...] como o sujeito capta as sensações que marcam o seu corpo, tanto as que são disparadas pelos processos internos quanto as que resultam dos encontros com os objetos externos” (p.134) . Segundo as autoras essas sensações possibilitam que o indivíduo delimite e organize um senso identitário, possibilitando o que Aberastury (1970) pontua como busca do sentimento de continuidade e semelhança consigo mesmo.

Sendo assim, a busca por um sentido de continuidade e semelhança consigo mesmo está relacionada ao reencontro e preservação de sensações consideradas familiares, o que gera a possibilidade de se estabelecer traços de identidade. Em outras palavras, permite que o indivíduo busque sentido para o novo que está diante

⁵ Segundo Frankel (2021, p.67) self é “a totalidade da personalidade consciente e inconsciente na qual o ego está contido

de si e dê novos significados aos lutos relacionados a seu eu infantil (Cervo; Zornig, 2021). Segundo Cardoso, Demantova e Maia (2016), o adolescente está constantemente diante de uma nova situação referente a si mesmo e para que ele seja capaz de suportar essas novidades e não se sentir invadido por esse excesso de informações, é necessário um processo de subjetivação.

Cervo e Zornig (2021) explicam que é necessária uma apropriação das experiências que possibilitam as sensações mencionadas. É necessário que o adolescente perceba a conexão com as experiências vividas e as introjete como autor. Caso contrário, pode ocorrer o que as autoras denominam de estrangeiridade, que consiste em uma incapacidade do adolescente de aceitar e nomear as sensações e dessa maneira expulsá-las de dentro de si e atribuí-las aos outros, como por exemplo, o adulto cuidador⁶. Esse processo de projeção impede a introjeção dessas sensações, levando o indivíduo a perder o contato com seus próprios sentimentos, que já se encontram desconectados e confusos durante a adolescência. Isso cria uma barreira no desenvolvimento de um eu unificado.

A criação de um eu unificado e bem estabelecido diante desse período marcado por intensas transformações e desenvolvimentos em vários âmbitos é uma das bases de diversas obras de Winnicott. Em sua teoria, costurada sobretudo por uma vasta experiência clínica, Winnicott enfatizou o desenvolvimento da criança e do bebê. Apesar desse enfoque nas fases iniciais da vida, suas obras também são um forte aporte teórico quando o assunto é adolescência, a partir de conceitos como ambiente suficientemente bom, relações objetais, *holding*, entre outros conceitos que serão aprofundados a seguir.

3 A TEORIA DO DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL DE WINNICOTT

Segundo Trindade e Fonseca-Silva (2021), a teoria de Winnicott tem como principal base a experiência humana interpretada a partir das relações interpessoais, como por exemplo, a relação existente entre mãe e bebê ou bebê e o ambiente ao seu redor. Winnicott expõe em sua obra **Família e desenvolvimento individual** (2023) que:

⁶ Segundo Bowlby (1988), adulto cuidador consiste em uma pessoa que assume o papel de fornecer cuidados, apoio e supervisão a outra, geralmente uma criança ou indivíduo vulnerável, garantindo seu bem-estar emocional, físico e psicológico.

[...] num estudo da evolução da personalidade e do caráter, é impossível ignorar as ocorrências dos primeiros dias e horas de vida (e mesmo do último estágio da vida pré-natal, no caso de bebês prematuros); e até a experiência do nascimento pode ser significativa (p. 13).

Em outras palavras, não é possível compreender o ser como um todo, nem um adolescente, sem antes aprofundar em questões relacionadas à primeira infância, ao que na psicanálise intitulamos de relações objetais primárias, os primórdios da constituição psíquica.

Desse modo, é possível olhar a adolescência como um momento de desenvolvimento crucial para o processo de amadurecimento do indivíduo. Em **A Teoria do Amadurecimento de D.W.Winnicott** (2021), Elsa Dias, uma das principais autoras brasileira que estuda Winnicott, explica que ele criou **a teoria do amadurecimento pessoal** a partir da ideia de que todo ser humano possui uma tendência inata ao amadurecimento. Seu embasamento advém de dois fatores: tendência inata ao amadurecimento e existência contínua de um ambiente facilitador.

Na obra **Processos de Amadurecimento e Ambiente Facilitador** (2022), Winnicott expõe que às tendências inatas, quando voltadas para a integração e crescimento do ser, necessitam de um abastecimento ambiental absoluto, isto é, que permita que o bebê apenas exerça a sua continuidade de existência na vida, sem precisar se defender frente às intrusões ambientais traumáticas. Entretanto, “a maioria dos processos que se iniciam na infância inicial nunca estão completamente consolidados e continuam a ser reforçados pelo crescimento que continua na infância posterior e ao longo da vida adulta [...]” (Winnicott, 2022, p.92). Isto é, o indivíduo nunca está livre ou independente do processo de amadurecimento pessoal, estando este sempre relacionado ao processo de crescimento e autodescoberta. O fato de o processo de amadurecimento pessoal começar desde a primeira infância permite a formação do desenvolvimento do ser humano em aspectos anatômicos, fisiológicos, mas principalmente emocionais (Winnicott, 2022).

Para que esse desenvolvimento emocional seja saudável, há uma jornada a ser encarada. Dias (2021) frisa que para que a criança se torne uma pessoa real, é necessário um ambiente que dê sustentação e auxilie nos processos de amadurecimento do ser. Entretanto, caso tal ambiente não seja saudável e maduro, o indivíduo não consegue alcançar a maturidade, que depende também dos chamados **estágios de dependência**, que são divididos em três categorias: dependência absoluta; dependência relativa e rumo à independência (Winnicott, 2022).

A dependência absoluta consiste no estágio inicial do desenvolvimento emocional da criança. Nesse primeiro momento, o bebê é absolutamente dependente do abastecimento físico oferecido pelo cuidador primordial, que pode ser a mãe ou um outro ser humano que esteja devotado aos cuidados essenciais nesse início de vida. Entretanto, há uma independência no meio dessa dependência entendida como completa. Esse paradoxo ocorre, pois, parte do amadurecimento pessoal do ser advém de fatores herdados, o que impossibilita sua alteração, sendo, portanto, um aspecto que o ser depende de forma completa. Porém, para que haja uma transformação durante esse processo, é necessário observar como é o ambiente que o rodeia e como ele abastece o ser (Winnicott, 2022). Entretanto, para que esse ambiente exista, é necessário que os adultos cuidadores ofereçam esse local suficientemente bom, pois:

O desenvolvimento emocional ocorre na criança se ela é provida de condições suficientemente boas, e o impulso para o desenvolvimento parte de dentro da própria criança. As forças para a vida, a integração da personalidade e a independência são tremendamente potentes, e com condições suficientemente boas a criança progride (Winnicott, 2022, p. 80/81).

Porém, tal processo é custoso e depende muito da disponibilidade de cuidar desses adultos. Antes de prover tal ambiente, o único responsável por esse meio facilitador é o cuidador primordial. Winnicott (2022) nomeia esse momento de **preocupação materna primária**, que consiste nos primeiros meses logo após o nascimento do bebê, onde há uma espécie de simbiose entre ambas as partes. Exemplificando como mãe, o autor aponta que a figura materna sente que esse ser faz parte dela, isto é, há uma espécie de identificação onde essa mãe se encontra vulnerável e dependente de maneira absoluta do seu bebê. Neste momento, não há espaço para desapontar as vontades desse novo ser, dado que a mãe está constantemente satisfazendo as suas necessidades instintivas, o que possibilita entender o bebê como um todo, que possui um conjunto de vontades que constituem um eu e que quando são bem atendidas cria-se um espaço para a construção de um ego corporal bem estabelecido e integrado.

Durante esse período de adaptação, a mãe passa a ter controle da sua vida novamente, a sua autonomia vai ressurgindo e com isso entra a chamada dependência relativa. Esse momento é marcado por uma adaptação progressiva onde o bebê começa a ter conhecimento da dependência, isto é, ele se torna capaz de

perceber a falta deste cuidador e sentir o que Winnicott denomina de ansiedade quando essa figura demora para retornar no seu campo visual. O surgimento dessa sensação demarca o momento da consciência do ser, em que o bebê passa a compreender que depende dessa pessoa, o que não ocorria na dependência absoluta, uma vez que ele acreditava criar os objetos ao seu redor. Há uma quebra na simbiose existente no primeiro momento e abre-se um espaço para a chamada identificação, que é demarcada por mecanismos mentais que permitem o indivíduo começar a compreender que certas coisas estão foras do seu controle, como por exemplo, o fato de que a mãe possui uma existência pessoal e separada dele. Ao compreender esses pontos, a criança começa a ter capacidade de se identificar com esses adultos cuidadores e ser capaz de contornar, na medida do possível, o sentimento de raiva e frustração que surge diante dessa separação (Winnicott, 2022).

Com isso, o bebê começa a se entender como uma unidade, com um eu interior e exterior.

As tendências à integração do bebê configuram um estado em que o bebê é uma unidade, uma pessoa inteira, com um interior e um exterior; e uma pessoa vivendo dentro de um corpo, e mais ou menos limitada pela pele. Uma vez que o exterior significa “não EU”, então o interior significa EU, e passa a haver um lugar onde as coisas podem ser guardadas (Winnicott, 2022, p.114/115).

Inicia-se um processo de autoconhecimento e diferenciação entre o que o pertence internamente e externamente, criando suas próprias opiniões e sua identidade, permitindo o acesso ao seu self. A partir da entrada nesse caminho, surge a fase denominada pelo autor de rumo à independência (Winnicott, 2023).

O rumo à independência consiste na habilidade progressiva da criança de estar de frente com o mundo e sua pluralidade, sendo capaz de ter um contato mais direto com o que está dentro de si. O indivíduo começa a se identificar com a cultura que o rodeia e passa a buscar por um espaço onde se sente pertencente. Sendo assim, essa parcela nunca total de independência surge quando se é capaz de viver uma existência pessoal satisfatória juntamente com o envolvimento social (Winnicott, 2023).

Essa busca por independência não está limitada somente à infância, surgindo em períodos como a adolescência. Winnicott (2023) explica que durante esse processo, há uma tendência ao recuo no desenvolvimento social do adolescente, uma vez que grande parte das vezes existe uma tensão social que está para além do

suportável. Durante esse percurso, o adolescente perpassa por diferentes grupos e se vê diante de novas situações que geram estranheza. Para que seja possível suportar esse novo de maneira saudável, é de extrema importância a presença dos pais, pois é por meio dessa rede de apoio que o jovem encontra a segurança necessária para permitir-se regredir, isto é, retornar temporariamente a um estado de dependência emocional que o reconecta a uma base de conforto e estabilidade. A regressão, nesse cenário, não significa retrocesso e sim uma etapa natural e necessária no processo de amadurecimento, pois ela cria um espaço para que o adolescente retorne a um estado em que possa se sentir protegido e acolhido. Ao ter essa possibilidade de regredir de maneira segura, o jovem consegue reorganizar suas emoções e fortalecer seu self.

Um dos pontos principais que fundamenta o processo de identificação entre mãe e bebê e posteriormente possibilita o amadurecimento pessoal do ser é o *holding*, que consiste em uma sustentação satisfatória, um colo simbólico para o indivíduo. Winnicott (2023) explica que o termo em questão diz respeito a um período em que a figura materna estabelece uma relação de identificação com a criança através da existência de uma sustentação sem graves falhas, isto é, proteger o bebê das existências que estão para além dele sem que isso o perturbe demasiadamente.

Outra função materna importante é a apresentação dos objetos. O indivíduo se torna capaz de relacionar-se com objetos que são diferentes de si, isto é, objetos que estão para além das partes do seu corpo humano, como a mão que ele leva à boca e que muitas vezes serve como uma representação do seio materno, sendo substituído por um paninho ou um bichinho de pelúcia, por exemplo. Essas mudanças são compreendidas como **fenômenos transicionais** e esses novos objetos são denominados de **objetos transicionais**. Esse objeto dá espaço para que o diferente assim como o similar possa ser aceito pelo indivíduo. É necessário respeitar a entrada desse objeto e seu valor, sem intromissões como lavá-lo sem a permissão do infante, pois é a partir de movimentos similares a esse que pode haver uma possível ruptura traumática com a relação que foi estabelecida com este objeto devotado e investido de amor pelo indivíduo (Winnicott, 2019).

Com o passar do tempo, esse objeto transicional se vê diante de um desinvestimento gradual. Ele não é esquecido, mas também não há mais sofrimento diante da separação entre criança e objeto, como no primeiro momento. Este objeto, é, portanto, um acontecimento necessário no caminho do amadurecimento do ser,

assim como a existência de um ambiente suficientemente bom, das fases de dependência e da maneira como a figura do cuidador primordial se porta durante todo esse trajeto de transição.

Todos esses fatores e etapas constituem a base do desenvolvimento emocional do indivíduo, começando desde os primeiros momentos de vida e estendendo-se, aqui neste trabalho, até a adolescência, momento em que o processo de amadurecimento e a busca por maturidade se tornam especialmente evidentes. Durante a adolescência, as questões relacionadas à quota de independência e às transições emocionais ganham destaque, demonstrando a importância das experiências anteriores e da qualidade do ambiente facilitador no desenvolvimento emocional saudável.

4 A ADOLESCÊNCIA NA PERSPECTIVA WINNICOTTIANA

De acordo com Winnicott (2019), a adolescência costuma ser vista como uma fase problemática sem considerar que, na verdade, é um período de transição em que o jovem está se desenvolvendo para se tornar um adulto consciente e integrado à sociedade. Isso reflete a dificuldade que grande parte da sociedade tem em entender os sentimentos do adolescente e em oferecer suporte durante essa fase de autoconhecimento e de intensas transformações.

O adolescente se vê naturalmente perdido e desorientado com a saída da infância e a entrada na adolescência. De acordo com a teoria winnicottiana, tal crescimento não depende somente de fatores genéticos e biológicos, mas também de fatores como a existência de um ambiente facilitador, assim como na infância: “Surgem na puberdade os mesmos problemas presentes nos estágios iniciais, quando esses mesmos indivíduos eram crianças pequenas ou bebês relativamente inofensivos” (Winnicott, 2019, p.228-229).

Estágio do amadurecimento pessoal costurado pelo *holding* e *handling*, ou seja, o ambiente suficientemente bom é a base do começo ao fim. Juntamente desse ambiente há a constante busca pela independência, que se torna mais latente na adolescência onde o indivíduo mais maduro pode sentir-se mais livre, a partir de contribuições para a sua felicidade e percepção de uma identidade pessoal, de um *self* (Winnicott, 2023).

A busca por um *self* consiste em uma tentativa de estabelecer fisicamente e psicologicamente uma unidade integrada do ser, uma vez que o indivíduo está designado a unificar-se e responder por um eu (Winnicott 1896). Diante disso, Dias (2021) pontua que tal unificação é a conquista primordial para um amadurecimento emocional saudável.

Winnicott (2019) entende que adolecer demanda um elevado manejo do ser, uma vez que na sua fantasia inconsciente, o ato de crescer é visto como intrinsecamente agressivo, pois a criança já não possui mais as características de um ser tão pequeno. Com isso surge a demanda de conquistar o crescimento emocional do ser, que é demarcado pelo luto, isto é, o sujeito se vê diante da perda do seu eu infantil e de algo nunca visto antes, como novas responsabilidades e busca pela maturidade, pois o adolescente por si só é essencialmente imaturo. É necessário compreender que a imaturidade é de extrema importância, sendo essencial para a sua saúde e não deve ser curada, mas sim respeitada.

A imaturidade é uma parte preciosa da cena adolescente. Nela estão contidas as características mais empolgantes do pensamento criativo, sentimentos novos e frescos, ideias para uma nova vida. [...] pelo bem dos adolescentes e da sua maturidade, não permita que eles deem um passo à frente e alcancem uma falsa maturidade, atribuindo-lhes uma responsabilidade que ainda não é deles, mesmo que lutem por ela (Winnicott, 2019, p.233).

Grande parte da sociedade parece enfrentar dificuldades em compreender o que o adolescente sente, bem como acolhê-lo durante esse processo de descoberta e mudanças, mas são essas dúvidas e incertezas que permitem o crescimento e um encontro mais espontâneo com a maturidade. É na imaturidade que se encontram as principais individualidades do pensamento criativo do adolescente. Entretanto, ele não possui conhecimento dessa falta de maturidade. É somente com o passar do tempo que o jovem se torna capaz de paulatinamente ir aceitando novas responsabilidades e alcançar um equilíbrio no *self* que possibilite aceitar as diferenças entre extremos, como bem e mal. (Winnicott, 2019).

Esse desenvolvimento emocional do adolescente deve ser permeado pela criatividade. De acordo com Winnicott (2019), é o apreço pela criatividade que possibilita que o indivíduo sinta que a vida é algo que vale a pena ser vivida. Outro meio para se ter acesso ao criativo é o brincar, que está presente também na adolescência: “É no brincar, e apenas no brincar, que a criança ou o adulto conseguem ser criativos e utilizar toda a sua personalidade, e somente sendo criativo o indivíduo

pode descobrir o self” (Winnicott, 2019, p. 39), isto é, o brincar possibilita o acesso à criatividade do ser, criatividade como uma característica de viver plenamente.

Dessa forma, é essencial que a adolescência seja vivida de maneira plena, possibilitando descobertas pessoais que respeitem a singularidade de cada indivíduo. Entretanto, durante esse processo o adolescente costuma passar por períodos de independência rebelde e dependência regressiva, além de ser um sujeito essencialmente isolado, que está em busca de um grupo onde se sinta como igual. Durante esse movimento de busca na adolescência, é comum o sentimento de que o jovem está começando do zero, sem levar em consideração experiências passadas não somente dele, mas também da sociedade como um todo. Normalmente eles vão em busca de um tipo de identificação que converse com a sua luta por sentir-se real, independente, mesmo que não saibam no que isso consiste e como alcançar esse ponto (Winnicott, 2019.). Eles desejam estabelecer uma identidade pessoal que não os desampare e com isso vão em busca de grupos onde se sintam realmente identificados. Essa necessidade gritante do contato com o real, advém da incerteza que perpassa esse período, onde o adolescente não sabe o que vai se tornar, como se sente ou o que vai fazer de maneira geral, tudo parece irreal e inseguro, por isso a necessidade de tomar decisões que deem a sensação de que são certas, reais (Winnicott, 2023).

Durante esse momento de busca interna, há o que Winnicott (2005) denomina de atitude antissocial e a tendência à agressividade do ser, pois ir ao encontro da própria realidade interior, tende a ser um movimento difícil de suportar. Consiste em um dos principais objetivos humanos, uma vez que possibilita o estabelecimento de relações harmoniosas entre as realidades internas e externas. Durante essa busca há a presença iminente da angústia e da agressividade, que pode aparentar ser incontrolável, porém:

[..] há o controle da agressão orientada pelo medo, aversão dramatizada de um mundo interno terrível demais. O objetivo dessa agressão é encontrar o controle e forçá-lo a funcionar. É tarefa do adulto impedir que essa agressão fuja ao controle, proporcionando uma autoridade confiante [...] retirada gradual dessa autoridade é uma parte importante do lidar com adolescentes [...] adolescentes podem ser agrupados segundo sua capacidade para tolerar a retirada da autoridade imposta (Winnicott, 2005, p. 101).

A agressão que o adolescente está expressando é algo natural e não deve ser negada ou condenada pelo ambiente. É de suma importância quando esse indivíduo é capaz de se responsabilizar por esse sentimento e dar abertura para as mudanças e reparações possíveis diante disso. Entende-se que quando o adolescente é capaz de suportar e lidar com essa agressividade iminente e o elevado nível de frustração advinda dessa situação, ele pode ter resultados positivos diante disso. É necessário dar espaço para que essa agressividade e reclusão apareçam sem que haja julgamento ou busca por cura (Winnicott, 2005).

Diante de todas essas questões que permeiam o desenvolvimento emocional do adolescente, o principal ponto em comum é o fato de que uma das principais fontes de apoio durante a formação do eu na adolescência é a família. A família contribui nesse processo principalmente de duas maneiras: dando a possibilidade de o adolescente retornar a ser dependente sempre que necessário; trocar a família por outra instituição social mais ampla, como um grupo de amigos (Winnicott, 2023).

[...] o interesse persistente da família pelos filhos adolescentes, não podemos deixar de notar a necessidade humana de ter um círculo cada vez mais largo proporcionando cuidado ao indivíduo, bem como a necessidade que o indivíduo tem de inserir-se num contexto com o qual possa contribuir de tempos em tempos, quando sentir o ímpeto de ser criativo ou generoso (Winnicott, 2023, p.160).

É fundamental que o adolescente tenha um lugar para onde possa voltar, um ambiente em que possa se expressar livremente, passando por momentos de rebeldia, mas também podendo retornar à segurança da figura materna. Esse movimento de regressão temporária na busca por independência é necessário para que o adolescente encontre um equilíbrio entre a autonomia e a dependência.

Essa necessidade de segurança surge em outros ambientes para além do familiar, como por exemplo no *setting* analítico. As condições ambientais deste espaço devem ser levadas em consideração, pois para que o paciente se sinta confortável no processo de análise, seguindo a lógica winnicottiana, é necessário que o profissional leve em consideração a maneira como o ambiente afeta o ser, sendo necessário prover um ambiente suficientemente bom, onde o ser sinta-se seguro e confortável para falar sobre si (Dias, 2014).

Assim como a mãe oferece segurança, o analisando precisa sentir que o analista é confiável, agindo de maneira profissional dentro de um ambiente terapêutico seguro. Da mesma forma que a "mãe suficientemente boa", o analista deve permitir

que o paciente experimente tanto ilusões quanto desilusões. O conceito de *holding* no setting analítico não envolve um espaço físico acolhedor como o colo da mãe, mas sim um espaço psíquico que aceita e acolhe o caos e a desordem, sem reagir de forma alarmada a isso.

Na clínica com adolescentes esses pontos são demasiadamente importantes, pois é a partir deles que o jovem consegue adentrar no processo de amadurecimento pessoal em análise. É necessário ter paciência e respeitar o momento do indivíduo, para que dessa maneira ele não se sinta sufocado ou invadido durante o processo, mas sim acolhido e seguro para adentrar nessa jornada de crescimento pessoal que é a adolescência (Dias, 2014).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A adolescência é um termo que por muitos anos foi utilizado somente para demarcar o período em que o ser humano está saindo da infância e entrando na fase adulta. Não havia espaço para sofrimentos, crescimentos ou individualidades para esses indivíduos. Entretanto, com a modernização da sociedade e dos estudos sociológicos e psicanalíticos, as subjetividades da adolescência e suas particularidades foram ganhando seu espaço.

Dentro desse meio, há diversos psicanalistas que passaram a estudar essa fase da vida, sendo Winnicott um deles. O pediatra britânico deu um forte enfoque ao desenvolvimento pessoal e emocional do ser, não somente na adolescência, mas também na infância e na vida adulta. Para que esse desenvolvimento seja saudável, há uma forte ênfase na importância do ambiente ao redor do sujeito e das suas relações objetais.

Com isso, Winnicott desenvolveu diversos conceitos voltados para o desenvolvimento humano sendo o ambiente suficientemente bom, *holding*, fases de dependência e as relações objetais as principais bases para o desenvolvimento emocional do ser. É diante da presença dessas relações de maneira saudável que o indivíduo se torna capaz de iniciar a caminhada para o amadurecimento pessoal e emocional, que é a base para a formação de um self bem estabelecido e saudável.

Esse processo não se encerra em um período específico da vida, ele se inicia desde os primeiros anos e pode se estender até a velhice. No entanto, a adolescência

representa um momento particularmente crucial nessa jornada, pois é quando o indivíduo se depara com o inesperado e o desconhecido, sendo desafiado a se adaptar. É nesse contexto que se faz necessário um olhar atento e acolhedor, que reconheça as singularidades dessa travessia psíquica. O adolescente deve ter espaço para explorar suas individualidades, respeitando suas regressões, imaturidades e incertezas, permitindo, assim, um desenvolvimento emocional saudável e integrado.

Diante desse cenário, é de extrema importância o estudo da adolescência e do processo de desenvolvimento emocional do adolescente não somente no contexto acadêmico, mas também no clínico. A compreensão da teoria winnicottiana favorece, portanto, uma escuta clínica mais humanizada e qualificada acerca do amadurecimento emocional dos adolescentes.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A.; KNOBEL, Mauricio. **Adolescência normal**. 5. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1970.

BLOS, Peter. **Adolescência**: uma interpretação psicanalítica. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CARDOSO, Marta Rezende; DEMANTOVA, Aline Gonçalves; MAIA, Gabriela Domingues Caetano Soares. Corpo e dor nas condutas escarificatórias na adolescência. **Estud. psicanal.**, Belo Horizonte , n. 46, p. 115-123, dez. 2016. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372016000200012#:~:text=Os%20adolescentes%20que%20se%20escarificam,er%20C3%B3gena%20do%20corpo%20fragmentado%20\(MATHA%2C](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372016000200012#:~:text=Os%20adolescentes%20que%20se%20escarificam,er%20C3%B3gena%20do%20corpo%20fragmentado%20(MATHA%2C). Acesso em: 11 de nov. 2024.

CERVO, Gisele Milman; ZORNIG, Silvia Abu-Jamra. Rearranjos sensoriais: possibilidades e entraves no processo de subjetivação. **Rev. bras. psicanál**, São Paulo , v. 55, n. 2, p. 133-147, jun. 2021 . Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2021000200010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 11 nov. 2024.

DIAS, Elsa Oliveira. **A teoria do amadurecimento de D.W. Winnicott**. 4. ed. São Paulo: DWW, 2021.

DIAS, Elsa Oliveira. **Winnicott em foco: interpretação e manejo na clínica winnicottiana**. 1. ed. São Paulo: DWW Editorial, 2014.

DOLTO, Françoise. **A causa dos adolescentes**. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2004.

FRANKEL, Richard. **A psique adolescente: perspectivas junguianas e winnicottianas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. **Vocabulário de psicanálise**. 11. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LOPARIC, Zeljko. **Winnicott: uma psicanálise não-edipiana**. *Revista de Psicanálise*, v. 4, n. 2, out. 1997. Disponível em: <https://ibpw.org.br/wp-content/uploads/1997/01/%E2%80%9CWinnicott-uma-psican%C3%A1lise-n%C3%A3o-edipiana%E2%80%9D.-Revista-de-Psican%C3%A1lise-da-SPPA-vol.-4-n.-2-pp.-375-387-1997..pdf>. Acesso em: 11 de nov. 2024.

MARCELLI, Daniel; BRACONNIER, Alain. **Psicopatologia e Adolescência**. 6.ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

MATHEUS, Tiago Corbisier. Quando a adolescência não depende da puberdade. **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.**, v. 11, n. 4, pp. 616-625, dez. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/BTW9XHQQHmfFx9bKhWYJt6n/#>. Acesso em: 11 de nov. 2024.

MORAES, Bruna Rabello de; WEINMANN, Amadeu de Oliveira. Notas sobre a história da adolescência. **Estilos clin.**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 280-296, ago. 2020. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282020000200008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 11 nov. 2024.

TOMIO, Noeli Assunta Oro; FACCI, Marilda Gonçalves Dias. ADOLESCÊNCIA: UMA ANÁLISE A PARTIR DA PSICOLOGIA SÓCIO-HISTÓRICA. **Teoria e Prática da Educação**, v. 12, n. 1, p. 89-100, 24 ago. 2011. Disponível em:

<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/TeorPratEduc/article/view/14059>. Acesso em: 11 nov. 2024.

TRINDADE, Jaqueline C. Salles; FONSECA-SILVA, Maria da Conceição. Memória da presença e desenvolvimento emocional em Winnicott. **Nat. hum.**, São Paulo , v. 23, n. 1, p. 55-82, jun. 2021 . Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302021000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 11 nov. 2024.

VIEIRA, A. A.; VORCARO, Â. M. R. Concepções freudianas sobre a irrupção da puberdade e a etiologia das neuroses. **Psicologia USP**, v. 25, n. 2, pp. 144-154, maio 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psusp/a/QYdzGq7gHz8vwYCMwJbdBsJ/#>. Acesso em: 11 de nov. 2024.

WINNICOTT, Donald Woods. **Família e desenvolvimento individual**. São Paulo: Ubu, 2023.

WINNICOTT, Donald Woods. **O brincar e a realidade**. São Paulo: Ubu, 2019.

WINNICOTT, Donald Woods. **Processos de amadurecimento e ambiente facilitador**. São Paulo: Ubu, 2022.

WINNICOTT, Donald Woods. **Privação e delinquência**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.